

POVO

ALGARVIO

Manuel Virgínio Pires

Semanário Regionalista

Director, Editor e Proprietário
Manuel Virgínio Pires
Redacção e Administração
Rua Dr. Parreira, 13-Telef. 127-TAVIRA
Composição e Impressão
Tipografia «POVO ALGARVIO» - Telefone 286 - TAVIRA

Sinal dos Tempos

Os jornais andam cheios de notícias tristes, pesadas, obsessantes. Os cataclismos com elevado número de vítimas, os combates, os desastres colectivos e pessoais, as doenças e a consequente secção necrológica, o circunstanciado falecimento das notabilidades.

Vêm a seguir as complicações políticas, as traquibérnias dos Nehrus, dos Tchombés e seus correligionários. Ninguém nasceu marechal, médico, pintor, marceneiro, mas todos nasceram sociólogos, estadistas, condutores de povos e construtores de nações. Daí, todos os dias nascem países novos, progressivos, trepidantes, confusos e efémeros. Dir-se-ia que a Terra é um queijo esquecido que criou bolor e se desfaz em bicharia tremenda.

Depois vêm as notícias pessoais: o que caiu ao poço, a que fugiu com as jóias da senhora, o pequeno que engoliu o prego, quando o mecânico não matou o rival ou coisa de mais sucesso.

Por último, ou por toda a parte, os anúncios de espectáculos, muito espectaculosos; de negócios, desde os mais sensatos aos mais mirabolantes, expressivos, persuasivos, impulsivos; de se pensar que o agente da especulação nos vai saltar debaixo dos pés e impor transacções sobre transacções.

Depois dos mil retalhos de informações obumbrantes sabe bem a gente consolar-se nos anúncios sentindo-se interessada na venda duma mata de eucaliptos, ou um prédio de trinta andares, visitar um leilão de antiguidades, comprar

Continua na 2.ª Página

Divagações Quaresmais

por Maria Leonor de Mello e Horta

Cada ser é um mundo de sentimentos, é um autêntico oceano, ora calmo, ora revolto em suas marés altas ou baixas. Mesmo de calma apatência, sabeis vós que passais ao nosso lado, o vulcão que atravessa a minha alma e a despedaça em estilhaços?

Sabeis vós o infinito amor que calcamos no coração e nos acompanha, envolvendo-nos nesse suave e azulado manto, sem alterações durante toda a vida?

Sabeis todos que roçais por nós nesta encruzilhada da vida, quanta decepção, quanta amargura, quanta desesperança com a pacata indiferença dos indiferentes estampada no rosto?

Quanta injustiça sofrida caladamente, quanta verdade proclamada e pelos outros olhada como falsidade?

Podeis vós, que estais a sofrer o vosso problema, importar-vos com o parceiro, colega ou peão que na rua passa e que leva por sua vez sobre os ombros o seu grave problema, que também é só seu, e apiedar-se dele e olhar-lhe nos olhos e compreender a amplitude das suas queixas, o amargor fel das suas revoltas, o azedume das decepções sofridas ou sentir-lhe a pureza do seu afecto?

Podeis por acaso olhar com amor toda a criança desconhecida?

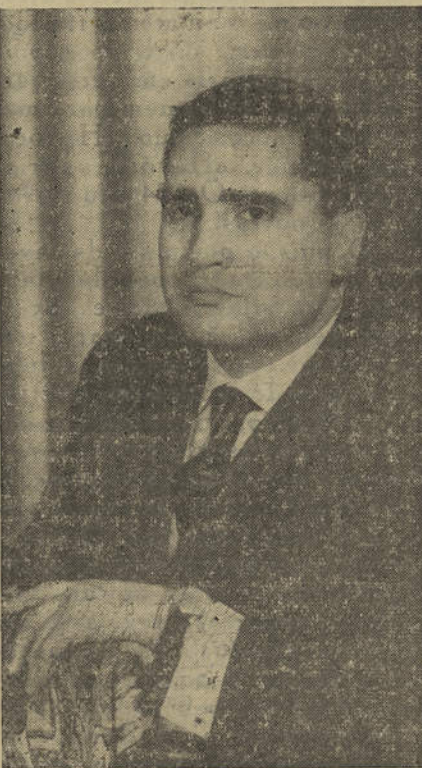
Continua na 2.ª Página

O Príncipe de Sagres

Um livro de Manuel Rio, uma saudade de que se aviva e um amigo que não se esqueceu.

Há dias, recchamos pelo correio, a oferta de uma peça de teatro, obra intitulada «O Príncipe de Sagres» e subscrita por Manuel Coelho da Silva Rio.

O título, para um algarvio, é sugestivo porque falar do Infante de Sagres é ligar o Algarve à grande epopéia marítima e relembrar es-



Manuel Rio

se maravilhoso poema «Rosas de Santa Maria», de Cândido Guerreiro.

Acompanhava a obra uma carta e uma foto, para identificação do seu autor e isso obriga-nos a retroceder 12 anos não podendo sustentar uma exclamação de alegria embalada por acordes de saudade.

Vimos na nossa frente aquele jovem miliciano, baixo, de olhar vivo, inteligente, que nas horas disponíveis se abeirava de nós, que procurava a modesta redacção de um jornal provinciano, atraído já pelo cheiro da tinta de

Continua na 2.ª página

A Câmara de Tavira

informa:

Aparelhos de rádio instalados em cafés, restaurantes, casas de pasto, tabernas, etc. — A Câmara Municipal vai mandar proceder no próximo mês de Maio à fiscalização das licenças cujos estabelecimentos estejam a utilizar aqueles aparelhos com reclamaes, etc. A falta de licença implica a multa de 160\$00.

Esplanadas — O pagamento das licenças de ocupações da via pública com mesas e cadeiras, termina no próximo dia 23. Depois desta data será aplicada a multa de 160\$00.

Foi adquirido o prédio do sr. Domingos Antunes Madeira, situado na Rua Tenente Couto, o qual está a ser demolido para efeitos de acesso aos arruamentos da Horta d'El Rei.

HOMENAGEM

ao Prof. Pavia de Magalhães

Foi gentilmente oferecido à Comissão promotora da homenagem, pela viúva do ilustre taviense falecido, o medalhão em bronze, com a effigie do saudoso professor, da autoria do escultor Raul Xavier, a qual ficará colocada numa lápide evocativa que vai ser erigida numa das placas ajardinadas da cidade.

É ideia da Comissão promover nesse dia comemorativo um srauí de homenagem no Teatro António Pinheiro, no qual colaboraria sua filha, sr.ª D. Isaura Pavia de Magalhães, laureada professora do Conservatório, porém, devido a um desastre de que foi vítima e no qual fracturou um braço, terá talvez que sofrer alteração o referido acto, em virtude do lamentável acontecimento e, possivelmente, na data marcada a exímia professora de música não poderá prestar a sua colaboração.

Resta-nos fazer votos pelo seu rápido restabelecimento.

Arabescos Literários (20)

Uma Página de Crítica

«Entre Parêntesis», do Dr. Elviro Rocha Gomes, vem preencher uma lacuna nas estantes da nossa poesia. É um album familiar aos colégios, com retratos de todas as idades, em simples traço ou caricatura, onde vamos encontrar reminiscências de nós próprios, quer tenhamos sido académicos, quer tenhamos vivido a Faculdade do Sacrifício. As suas páginas são uma galeria fotográfica com «espelhos» para todas as idades e temperamentos — para todos os degraus que o «capa negra» trilhou (ou trilha) o «vale» dos caloiros, tímidos, até, ao «Himalaia» da Via Latina.

por António Augusto Santos

Rotary Clube de Faro

Presidida pelo sr. Francisco Guerreiro Barros teve lugar, na passada Terça-feira, a reunião semanal do Rotary Club de Faro, a qual fora secretariada pelo sr. Arthur Serão e Silva.

Depois de efectuada a saudação à bandeira nacional, para o que foi convidado o sr. António Matos Cartuxo, foi feita a apresentação rotária, tendo o secretário procedeu à leitura do expediente.

O sr. Jorge Mendes Rodrigues deu conhecimento, depois de diversos assuntos relacionados com a próxima Conferência do Distrito Rotário n.º 176, que terá lugar, na Figueira da Foz, de 4 a 6 de Maio próximo, chamando para os mesmos a atenção dos presentes.

Continua na 3.ª página

Algarve, Copacabana da Europa

Éis o título sugestivo dado ao Algarve turístico, por um escritor alemão e de que a nossa Emissora Nacional deu o devido relevo.

É com prazer que registamos tal afirmação saída da pena de um estrangeiro.

A pouco e pouco se vão convencendo de que o Algarve é realmente uma das mais belas regiões turísticas do nosso País.

Páginas de Memórias (4)

Lembrança de Belo Redondo

O primeiro Grupo de Escuteiros de Portugal, com sede em Lisboa, prestou há dias expressiva homenagem a Belo Redondo numa simpática festa em que foi evocada a memória do notável jornalista e a sua passagem, menino e moço, pelas fileiras daquele Grupo. Tivemos muita pena de que os nossos afazeres profissionais, retendo-nos longe da capital, nos não tenham permitido assistir: orque, como antigo escoteiro e sobretudo como amigos que fomos de Belo Redondo, muito gostaríamos de associar-nos a essa homenagem.

por Antero Nobre

Banquete de Homenagem

Para efeito de organização informa-se os interessados de que se encerra o prazo da inscrição do banquete de homenagem ao sr. José Emídio Fernandes Sotero, provedor da Santa Casa da Misericórdia de Tavira, na próxima quarta-feira, dia 25 do corrente.

Já há algumas dezenas de pessoas inscritas, que deste modo pretendem manifestar-lhe o seu reconhecimento pela obra efectuada à frente do Hospital nestes três anos da sua vigência e apoiá-lo pela feliz iniciativa da realização das Festas da Misericórdia de Tavira, que de ano para ano vêm contribuindo bastante para a propaganda turística do concelho.

O nosso primeiro contacto pessoal com Belo Redondo data, praticamente, de há uns trinta anos, era ele Sub-chefe da Redacção do Diário de Notícias e nós estudante universitário e, ao mesmo tempo Assistente da Escola Superior de Educação Física e dirigente de um grupo de escoteiros. Realizava-se então o I Congresso Nacional de Clubes Desportivos, do jornal Sports, findo o qual Salazar prometeu, em discurso que ficou memorável, a construção do Estádio Nacional, que hoje se ergue no viridante Vale do Jamor. Ambos toinávamos parte no Congresso: ele representando já não nos lembra que clube; nós em representação do Juventude Sport Clube, de Évora, e como autor de uma tese, apresentada a convite do Prof. Dr. Francisco Reis Santos, Director da referida Escola Superior e que intituláramos O Movimento

Continua na 4.ª página

Entre Parêntesis

(versos para rapazes)

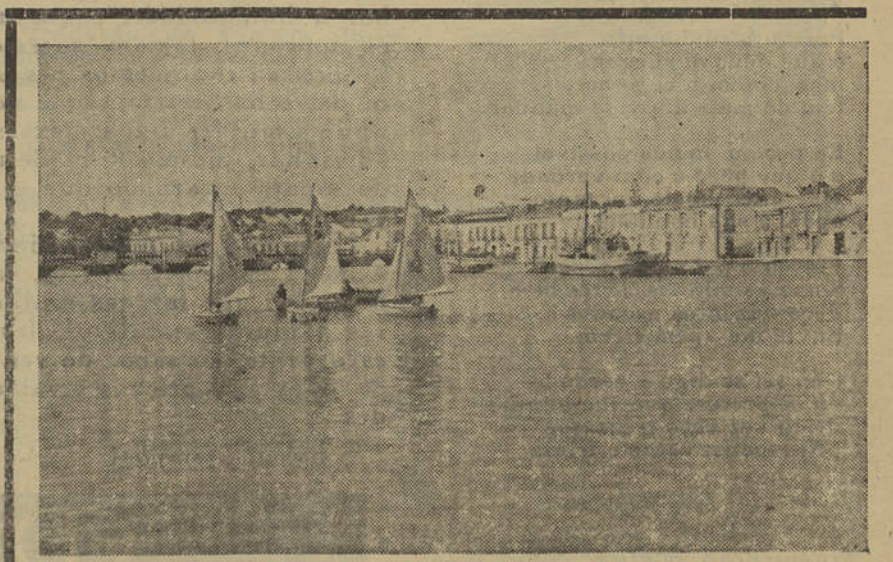
Eis mais um trabalho deste incansável burilador das letras que é o Dr. Elviro Rocha Gomes.

Recordações da infância, dos saudosos tempos de estudante, enfim, um mundo de sonho e de versos plenos de graça e juventude.

São cento e quarenta e nove páginas de bom humor reservando-se a parte final a traduções de poesias pelo autor.

Neste simpático volume nem sequer faltam as adivinhas e charadas, em verso, escritas com espírito.

Até os perfis traçados para



Tavira Turística — Um lindo aspecto do poético Rio Gilão

Sinal dos Tempos Dos Livros...

Continuação da 1.ª Página

lá o retrato dum velho mosqueiteiro de capa e espada ou de panóplia às costas, pôr no átrio ou na galeria e intrujar dois ou três basbaques dizendo que era o nosso quinquagésimo avô e, se de capa e espada, acrescentar que se bateu em todas as cruzadas; se de armadura, insinuar que foi ajudante de campo de Talleyrand... E ele engole!

Seria feio se o leitor o fizesse realmente, mas desfendarse de tanta nugacidade com pensamentos divertidos chega a constituir antídoto contra «humores merencórios».

O leitor desdobra o jornal não só para se informar como para passar dez minutos em paz, longe das suas preocupações pessoais. Mesmo que a notícia não interesse, ela começa: «Londres» ou «Tóquio» e associa imediatamente o Big-Ben ou três pagodes com figurinhas às mesuras e pontes curvas sobre lagos parados. A gente galgo mentalmente as léguas e milhas, respirou e... pronto! Já não se pensa nas contrariedades e monotonia que nos rodeiam. Abrimos o atlas mental, guardado dentro da cabeça e lá vamos saboreando, bem ou mal, o acontecimento, sem perder de vista o mapa, às vezes com cores e caracteres de imprensa bem legíveis, e tudo.

Outras vezes não armamos em Pégaso para saltar por vários lugares da Terra. A escrita tem também faculdades para nos conceder livre trânsito através do tempo. Nestas circunstâncias, como andar para diante é monótono por não podermos sair da via da prováveis conjecturas, retrocedemos e damos-nos conta de mil coisas que julgávamos esquecidas.

Foi o que aconteceu há pouco, olhando, na secção de anúncios, certo figurino de cabeleireiro. A gravura representava uma bela cabeça jovem, com o cabelo em tanta desordem que parecia ter suportado as agruras temíveis dum tufão. A legenda anunciava: «A linha pluma». «A linha pluma designhada» ficava talvez mais exacto, mas a exactidão não é o único valor das coisas. O mito sempre teve influência apreciável na sensibilidade humana. Aceitemos, portanto, o mito, tanto mais quanto ele é sobremaneira agradável.

O nome de pluma, já de si, envolve bastante espírito, principalmente por nos recordar alguma coisa leve, ondulante, mutável ao sabor da mais leve

o livro da Queima das Fitas vieram saudosamente a lume.

Não resistimos à tentação de transcrever esta interessante «carta dum filho a pedir dinheiro».

Bom pai: desejo que esteja boa saúde gozando, que eu 'inda assim por aqui, graças a Deus vou andar.

Bem gostava de ir lá hoje p'ra essas terras sáditas mas sempre tenho afinal que ficar cá mais uns dias.

Portanto só dia oito é que devo ai chegar mas, como deve saber, tem de mais um vale mandar.

Eu peço o menos possível e o que peço é com verdade. E se quero mais um tanto, apelo à sua bondade.]

Porém o pai raras vezes Soma as minhas cartas bem. Peço duzentos escudos? Envia-me apenas cem.

Não sei se diga a verdade ou se prefere que lhe minta: desta vez peço trezentos pra receber cento e trinta.

Resta-nos felicitar o Dr. Elviro Rocha Gomes pela sua inspiração poética, como pela sua brilhante veia satírica.

aragem, tal qual sugeria certa ária italiana, cantada por Tomás Alcaide (e que bem que ele a cantava!) em noite de S. Carlos.

Compreende-se, e muito bem, que a arte moderna baniu todo e qualquer ornato, toda e qualquer superfluidade, em favor das linhas do modelo, com toda a sua pureza, e a moda, não podendo pentear ou tocar, resolveu a sua dificuldade com muita sensatez, despen-teando com arte.

A moda, ou seja o gosto em voga, está farta de ser injustamente apodada de fértil. O gosto traduz uma necessidade inconsciente que, fazendo parte duma época, classifica a multiplicidade de factores que compõem o estado de espírito da civilização, no momento histórico, que se aprecia.

A moda dos penteados é quase uma pequena história da humanidade.

A princípio o bicho-homem não cuidou da sua farta cabeleira, tão bravia como ele e o seu mundo. Batalhar era a grande preocupação e necessidade. Quando teve téguas e amenizou os costumes, logo se entretive com os efeitos do cabelo e barba: entrançou, riçou, iustrou, amañou, raspou, listrou, enfeitou.

Em certa época, o penteado feminino chegou a parecer tão provocante que nenhuma mulher honesta deixaria aparecer a mais leve madeixa de cabelo.

Um pano apertado (oral) dava voltas à cabeça e soqueixava a garganta para esconder qualquer guedelha rebelde.

Com o tempo tirou-se o oral e pôs-se o véu simples, o véu ganhou comodidade na coifa, a coifa foi reduzindo as medidas a ponto de dar na rede de oiro que se vê na cabeça das damas antigas dos quadros.

Passados anos, as redes ou véus dispensaram-se, dando lugar a caracéis e entrançados e, por fim, em épocas de luxo, a cabeça constelada de jóias foi mostruário dos teres e haveres da família. Como as cabeças eram pequenas e os ornatos numerosos, toca de al-tearem o topete até ao desafio da engraçada caricatura que todos conhecem, com a pequena dama sobrepujada dum montanha capilar a que os artistas cabeleireiros tinham de subir com escadote, para operarem as suas fantasias. Graças à frivolidade do crâneo, as fantasias tripudiaram: havia menina que dançava o minuette com garrafas de água dentro do penteado para não murchar as rosas que o adornavam e os edifícios de toucados eram de composição tão moros a que se preparavam na véspera e não deixavam que a proprietária se deitasse.

É de sobejo conhecida a sátira da mãe que encontrou o colchão de penas dentro do arranha-céus que a filha ostentava na cabeça.

Para se desferrarem do eclipse demorado, os cabelos fizeram durante séculos grande figura, como se vê, mas, porque certo ar de mistério dá sabor à humanidade, enquanto os toucados faziam sucesso, foi preciso esconder os pés. A moda tinha decretado que nenhuma mulher digna deixasse adivinhar, mesmo a biqueira do sapato encarnado que calçava.

Hoje, não sabemos se ainda a moda decreta mistérios, sabemos só que faz das mulheres a pluma ondulante, leve, esvoaçante, ao sabor do vento de todos os caprichos e vaidades.

Sinal dos tempos!

ESTE SEMANÁRIO É TRANSPORTADO PARA TODO O PAÍS NOS COMBOIOS DA

«Os Lusíadas»

Reis Brasil apresenta, nesta obra uma nova interpretação de «Os Lusíadas». Com ela desapareceram, definitivamente, todas as dúvidas. Não há episódios de embelezamento; não há episódios de pura mitologia. Camões é o poeta que conseguiu realizar o milagre de transformar as realidades em poesia pura e num grau muito elevado. Para isto serviu-se dum conjunto de inculcável valor e de singular beleza. É isto de tal forma assim que podemos considerar o nosso Trinca-Portes como o maior e mais expressivo simbolista de toda a humanidade.

A obra de Reis Brasil entra no estudo integral de todos esses símbolos, fazendo ver a sua interpretação sob o ponto de vista de realidades da vida nacional, de realidades de humanismo, de realidades do mar e dos seus fenómenos, de realidades da própria vida do épico em face dos grandes problemas do Homem através das mais duras vicissitudes da existência. Por isso, a interpretação de Reis Brasil é inteiramente nova. É a primeira vez que, em perto de quatrocentos anos de camonianismo, o poema é visto em todo o seu esplendor, em toda a sua magnificência. Quase pode afirmar-se que a interpretação de Reis Brasil é uma recreação da própria epopeia lusíada.

Ninguém hoje poderá ter ideias sobre o valor da epopeia lusa sem ler, meditar e acompanhar Reis Brasil na sua exposição. Tudo quanto se fez até hoje não tem ponto de comparação com este estudo erudito de Reis Brasil. Inúmeras dificuldades de interpretação geral ficaram definitivamente resolvidas. A própria gramática do épico foi posta em plena evidência, sem ser preciso recorrer a continuas modificações do texto, como o fizeram grandes camonianistas, estando incluído entre eles o Dr. José Maria Rodrigues. A grande maioria dos comentadores do épico evita as dificuldades graves, passando por cima delas sem sequer lhes localizar Reis Brasil, ao contrário, resolve todas essas dificuldades sem ficar uma única sombra na luz fulgurante da nossa epopeia. As anotações das variadas edições de «Os Lusíadas» são deficientíssimas, como se pode ver pelo exame dessas mesmas edições. Algumas delas só merecem acolhimento pelo luxo de apresentação.

O Mistério da Mansão dos Sinos e o Caixão vazio

Estes títulos de dois livros saídos recentemente dos prelos da Livraria Clássica Editora e incluídos em duas das suas colecções mais conhecidas e apreciadas pela nossa juventude.

O primeiro, sendo o n.º XXVI da colecção «Os melhores livros para crianças», é um original da insigne cultivadora do mistério e da aventura, Enid Blyton, em versão de Fernanda Cardoso, apresentando num volume muito ilustrado e capa a cores muito sugestiva. Na aventura entram os conhecidos personagens Chico e Miranda, Rogério, Diana, João e Leony e tem por capítulos mais emocionantes os intitulados: Eles não podiam voltar para a escola, A passagem secreta, Tudo muito estranho, Aquela noite, Em graves embaraços e Grande excitação.

«O caixão vazio» é o n.º 8 da colecção «Viagens, Aventuras, Epopeias» de que fazem parte livros como «Rumo ao perigo», «Os caçadores de cabeças do Amazonas» e «Doze anos na Legião Estrangeira» e nele se descreve a espantosa aventura de Alain Romans, músico célebre que a força das circunstâncias tornou herói da última guerra mundial e depois de intermináveis torturas, caiu às balas de um pelotão executor para, mais tarde, se encontrar, nas ruínas de uma cidade alemã, com o seu antigo carrasco...

Agradecemos à Livraria Clássica Editora pela oferta de mais estes dois volumes, recomendamos a juventude a sua leitura, visto a ela virem especialmente dedicados.

Arrenda-se ou Vende-se

Casas com área coberta de 2.000 m², com lojas e armazéns, e com 2.000 m² de área descoberta toda amuralhada, dando frente para 4 ruas, situada na Rua João Vaz Corte Real, 80.

Traçar com José Domingues Martins, Rua Borda d'Água de Aguiar, 10 — Tavira.

O livro «VERSOS» do Poeta Isidoro Pires, encontra-se à venda na Redacção do «Povo Algarvio»

Uma página de crítica

Continuação da 1.ª Página

simplicidade. Sem denotar pretenciosismos, os seus «clichés» têm fragrância que o Tempo não deforma.

Quer nos quatro versos, quer nos dísticos, quer na estrofe livre, dá-se-nos em poesia pura, bem achada, com o pensamento e a forma carinhosamente abraçados a conjugarem-se em cada «retrato», sem poses preconcebidas — sem a tortura da forma — autêntica água de Fonte de Castália, de que os seus 12 anos foram desde logo uma promessa.

Nem mesmo a transposição dos elementos do verso, a que as liberdades poéticas deixam recorrer, alteram na sua poesia a naturalidade viva e espírito vincado com que as sete sílabas são tratadas e se esboçam numa espécie de retratinhos ternos, meditativos, que só falta o emolduramento tosco e envelhecido, em jeito de vineta clássica, para distanciar mais o passado do presente.

Há em cada «passe-partout» uma célula pessoal, que veio a converter-se em passaporte para a vida rígida que a Lei do Destino impôs, mas que a saudade não esqueceu. E se fosse possível converter em saudade todo esse mundo de há um quarto de século, que imenso «bouquet» nos daria o livro do poeta? Todas as idades foram fotografadas? Lembra, mesmo, um álbum da grande família académica. Cada nome fala-nos do rapaz que fomos e que desejaríamos tornar a ser, mais ou menos atrevido, ou mais ou menos tímido. Grande parte do livro é, pois uma dedicatória em verso terno, escrita do homem para menino e moço, como «História do Egípcio», «História assírio-caldáica», «Os 34 alunos» e tantas outras.

Depois, o poeta sai da lavoura da quadra, da popularidade das sete sílabas, desses 6x9, em rememoração, para nos dar uma outra poesia, sólida, em grande dimensão, vertida do alemão, no traduzir de «As Viagens Maravilhosas do Barão von Muenchhausen», de Magda Fischer, em versos alexandrinos certíssimo, bem cerzidos, com profundidade junqueira (para citar um dos melhores mestres) e reve a-se um tradutor seguro da língua de Goethe e de Schiller, dando-nos «retratos» bem delineados da poesia de além Reno.

Verso trabalhoso e difícil sai-lhe das mãos à maneira de Alexandre de Bernay, num clacissismo normando, bem ligado nas cessoras e de hemistíquios equilibrados. Alguns apóstrofes substituindo uma ou outra sílaba, como eu:

Estranho era a paisagem, em redor tudo neve Mas qual quê? Nada vi! Stava todo queimado

e ainda:

Todos os grãos-vizires destes longínquos reinos não diminuem, pelas «cunhas» o tradutor, nem deturpam a poética de Gischer que encontra fidelíssimas imagens no seu tradutor, como em:

A pé ou a cavalo, à doida, sem temor, tinha que lhes mostrar quem é que tem valor Calmamente — e só Deus conhece até que ponto não iria passar por ser um espíno tonto lépido me sentei, cheio de presunção, mesmo à ponta, no fim do cano do canhão

a recordar o fanfarrão cardeal da Ceia, do Dr. Júlio Dantas. Parabéns ao Senhor Poeta

Divagações Quaresmais

Continuação da 1.ª página

cida que surge diante de vós e ajudar a levar o embrulho em pleno dia, à velhinha que passa carregada e que para o transportar já não reúne forças que cheguem?

Cada vida é um oceano, um astro!

Em cada vida há uma alma e essa alma contém tudo o que se não vê, essa amálgama de sentimentos, de lutas, de esperanças, de heroísmos, de esperas, de presságios, de alegrias, de tristezas, de crenças, amores e ódios.

Vós passais e eu, que não posso remediar o problema infinito da minha vida, debruço os meus olhos na janela luminosa dos vossos rostos e contemplando-vos docemente como uma irmã a quem vós quizesseis entregar um poucos dos vossos cuidados, quizera adivinhar, quizera poder remediar e confortar as vossas mágoas, os vossos males e dizer-vos baixinho, de modo a que só ouvisse o vosso coração:

— Estou aqui!...

Romanceiro Geral do povo português

Estão publicados e recebemos, por amável deferência de «Iniciativas Editoriais», os fascículos n.ºs 7 e 8 desta obra apresentada por esta Editorial, com texto literário organizado, prefaciado e anotado por Alves Redol, texto musical escolhido, comentado e prefaciado por Lopes Graça e ilustrado por Maria Keil, e integrada nas colecções «Tesouros da nossa Literatura», de que faz parte a outra obra tão apreciada dos nossos leitores e a que várias vezes nos referimos; Contos Tradicionais Portugueses.

Dos referidos fascículos fazem parte romances de amor desprezado, romances de amor fiel, romances de casamento, romances de amor contrariado, romances das donzelas levianas, romances das donzelas abandonadas, romances das traíções e das vinganças, romances da dama defendida, romances de ciúme e romances das malcasadas, com composições em verso, como todas as outras deste Romanceiro, muito curiosas e algumas em que há a um tempo dignidade, ternura, ironia e graça medievais.

Eis os títulos de alguns dos romances: Xácara da Rosa Pastorinha, A Serrana, Romance de Don Carlos de Alémar, A confissão de uma jovem, Uma canção de Hilário, Mariquinhas, Casadinhos de novo, História do soldado, O vestido novo, A donzela e o punhal, O hortelão das flores, Os dois amantes, Quatro aventuras da filha do Imperador de Roma, Eu sou de Coimbra, A morte do Serafim, Morta pela honra, Romeira, História do Brava-Franco, Escanção da ciumenta, Vingança de D. Pedro, A pastora.

e ao senhor Dr. Elviro Rocha Gomes, aos quais gostei de ler no seu esplêndido concerto poético, desde o hino escolar orquestrado de vozes débeis infantilizadas, quase orfeónicas, até à «Rienze», inconfundível wagneriana, que a sua batuta ensaiou e regeu com mestria.

VALENTIM LOPES

ALFAIATE

Diplomado pela Academia de Corte Maguidal, de Lisboa, com estágio em Paris, participa que reabriu a sua alfaiataria, na Praça da República, 13, 14 e 15 em Tavira.

O Príncipe de Sagres

Um livro de Manuel Rio, uma saudade que se aviva e um amigo que não se esqueceu.

Continuação da 1.ª página

impressão, para passar os seus momentos de descanso e escrever artigos, novelas, pensamentos, etc. etc. era o princípio de uma carreira tocada pelo destino.

Um dia, encarregamos o nosso jovem companheiro de escrever uma reportagem sobre qualquer assunto trivial, para auscultarmos as suas possibilidades jornalísticas.

E o assunto surgiu bem delineado e não só mereceu a nossa aprovação como até certo ponto serviu de comentário na redacção.

O moço tinha garra. O curso terminou, os milicianos seguiram o seu destino e numa avalanche ruidosa que partiu, lá foi o jovem Manuel Rio que tempos depois nos acenou e depois, o silêncio, agora interrompido pelo aparecimento do escritor que não se esqueceu do jornal onde estampou os seus primeiros assuntos de escritor e jornalista.

Pedindo ao seu autor desculpa da inconfidência, eis a carta que nos endereçou:

Ex.º sr. Pires

Ignoro se V. já terá esquecido o nome do ex-colaborador de seu jornal, a quando de sua passagem por essa cidade, como miliciano em 1950 e que ele recorda com saudade e gratidão. Efectivamente foi V., com seu jornal, o primeiro a abrir-me o caminho de jornalista e escritor e por isso não poderia deixar de, nesta hora, me apressar a enviar-lhe o meu primeiro livro. Com este acto muito singelo pretendo homenagear como posso essa bela cidade que jamais esquecerei e o espirito bom e acolhedor, alma de artista, do Director de «Povo Algarvio». E muito embora tenha presentemente jornais de grande circulação abertos a meus escritos, no entanto nunca desistirei, bem pelo contrário, escrever para o de V., por cuja prosperidade faço votos muito sentidos. Ao dispor de V. me subscrevo atenciosamente,

Manuel Coelho da Silva Rio

É para nós muito grato registar esta atitude — a generosa oferta do seu primeiro livro e a promessa da sua colaboração, não esquecendo assim o pequenino jornal provinciano que o acolheu com simpatia, estimulando-o a prosseguir nos seus vãos literários.

É o «Príncipe de Sagres» foi sofredamente devorado, lêmo-lo quase de seguida.

Fantasia de um artista que tem espirito criador, que sabe tirar partido dos seus personagens numa das mais belas facetas da história.

É uma peça de fundo evocativo, bem urdida e cujo poema é empolgante.

A peça de Manuel Rio veio preencher uma grande lacuna no campo do nosso teatro moderno e, por isso, felicitamos muito cordialmente o seu autor e aguardamos com muito interesse as suas novas obras.

Resta-nos aguardar a oportunidade de ver ainda em cena, em terras do Algarve, a peça «O Príncipe de Sagres».

Ciclismo

Parte amanhã para Lisboa a fim de tomar o avião para Barcelona, o valoroso corredor do Ginásio Clube de Tavira Jorge Corvo, que vai tomar parte na grande Volta à Espanha, como representante da equipa portuguesa.

Desejamos-lhe por tal motivo muitas felicidades.

Tribunal Judicial

COMARCA DE TAVIRA

ANÚNCIO

1.ª publicação

Faz-se saber que por este Juízo e Secção de Processos correm éditos de trinta dias, citando António Mendes da Horta, casado, agricultor, residente que foi em Amaro Gonçalves, freguesia da Luz, desta comarca, e actualmente em parte incerta na Argentina, para no prazo de dez dias findo o dos éditos, contestar, querendo, a acção de divisão de coisa comum que lhe movem os autores Maria da Conceição Neto e Maria do Rosário Afonso e marido, na qual estes pedem a divisão dos prédios «Horta de Baixo», inscrito na matriz respectiva sob o art.º rústico 229 e urbano 264, e «Porto da Pedra», inscrito na matriz sob o art.º 1.720, em comum com o citando e sua mulher, sitos em Amaro Gonçalves e Pinheiro, respectivamente, ambos da freguesia da Luz, sob pena de, não contestando, se proceder à nomeação de peritos.

Tavira, 7 de Abril de 1962

O Juiz de Direito

João Carlos Leitão Beça Pereira

O Chefe da Secção de Processos

João Faustino Nunes Gonçalves

Tribunal Judicial

COMARCA DE TAVIRA

ANÚNCIO

2.ª publicação

Faz-se saber que, neste Juízo e Secção de Processos da Secretaria Judicial, correm éditos de trinta dias, que se contaram da segunda e última publicação deste anúncio, citando os interessados incertos, para no prazo de vinte dias, findo que seja o dos éditos, deduzirem a sua habilitação como herdeiros na acção especial que o Digno Agente do Ministério Público nesta comarca, como representante do Estado, move contra Incertos para arrecadação da quantia de trezentos e trinta e três escudos e trinta centavos, proveniente de dividendos abandonados das acções n.ºs 2.341 e 2.342, da Companhia de Pescarias «Barril ou Três Irmãos», com sede nesta cidade, de cujas acções é titular José Rodrigues Côrvo, residente na Quinta de Flandres, deste concelho e comarca, com a cominação dos mesmos dividendos serem declarados abandonados e pertencentes ao Estado e, como tal, a este adjudicados.

Tavira, 2 de Abril de 1962

O Juiz de Direito

João Carlos Leitão Beça Pereira

O Chefe da Secção de Processos

João Faustino N. Gonçalves

Assinal o «Povo Algarvio»

Noticias Pessoais

Aniversarios

Fazem anos:

Hoje — D. Maria Celeste do Nascimento, D. Isabel Fernandes Ochoa Milita, D. Maria da Conceição Pinto, Mlle. Maria da Encarnação Rodrigues Cardoso, Mlle. Maria Sotero Martins Vargues e os srs. Silvério Marques do Carmo Neves, Jorge Sotero dos Santos e Manuel Lourenço Gago.

Em 23 — D. Virginia Maria Barão Conceição, D. Maria Manuela Marques Costa, menina Maria Arlete da Silva Gonçalves e o menino António Joaquim da Silva Gonçalves.

Em 24 — D. Maria Helena Miguel Picoito e os srs. Dr. Cláudio Pinhol e Aldomiro de Mendonça Quintas.

Em 25 — D. Maria João Soares Mil Homens Diniz, D. Maria Ferreira Trindade, D. Célia Monteiro Seixano Baptista Alves, D. Maria Marques menino Nuno José Casteira Bemposta e os srs. Abel Augusto Pires, Comandante Manuel da Rocha Santos Prado e Adriano José Ernesto.

Em 26 — D. Albina Matos Conceição, D. Carmem Gomes Peres e menina Natércia Barreiros Quaresma.

Em 27 — D. Lisdália Marcelino da Cruz, menina Maria Luisa Reis Teixeira Lopes e os srs. Francisco António Ramos e Virgílio dos Santos Germano.

Em 28 — D. Maria Amélia da Silva Martins, D. Maria José Santos de Oliveira, D. Vitalina das Dores de Jesus e a menina Margarida Maria Pinto de Oliveira.

Partidas e Chegadas

Com sua esposa, encontra-se nesta cidade, no gozo de férias da Páscoa, o sr. Dr. Arnaldo dos Santos Lança, meritíssimo Juiz de Direito do Tribunal da Boa Hora, em Lisboa.

— Com sua esposa e filhos, encontra-se nesta cidade, o nosso prezado amigo e conterrâneo sr. Dr. Manuel Sabino Costa Trindade, distinto médico na capital.

— No gozo de férias, encontra-se em Tavira, onde veio passar a Páscoa, o nosso conterrâneo sr. José João dos Santos Dorea, funcionário da Companhia Portugal e Colónias e grande amigo de Tavira.

— A fim de passar a quadra festiva da Páscoa com sua família encontra-se nesta cidade a sr.ª Dr.ª D. Laura Mendonça, directora técnica duma farmácia da capital.

— Com sua esposa, encontra-se no Algarve, onde veio passar a Páscoa o nosso prezado amigo sr. Coronel Dr. Vasco Martins.

— Encontra-se em Tavira o sr. Dr. Alfredo Teixeira de Azevedo, nosso assinante na capital.

— Com sua esposa, encontra-se em Monte Gordo onde, veio passar a Páscoa, o sr. Dr. Marta Louro, professor do Ensino Técnico.

— Com sua esposa e filhinha foi passar a Páscoa a Lisboa, em companhia de seus pais o sr. sargento-ajudante Francisco de Carvalho Paula, nosso prezado assinante.

— Com sua esposa encontra-se em Tavira o nosso conterrâneo e assinante sr. Joaquim Humberto Galhardo Palmeira, professor do ensino secundário.

— Com sua esposa e filhinha encontra-se em Tavira o nosso amigo e conterrâneo sr. Dr. António Falsa Mimoso.

— Com sua família, encontra-se passando uns dias na sua Quinta da Nossa Senhora da Saúde o nosso prezado amigo sr. Tenente Coronel João Carlos Guimarães, residente na capital.

— Com sua esposa foi à capital passar a Páscoa, o sr. Alberto Pereira da Palma, tesoureiro da Caixa Geral de Depósitos nesta cidade.

Necrologia

José Correia

No passado dia 13 do corrente, faleceu no Livramento o sr. José Correia, viuvo, ferroviário reformado, natural daquela localidade.

O falecido era pai das srs.ªs D. Albina da Conceição Correia, D. Deolinda Baptista e D. Maria Baptista Correia e do sr. António Silvério Baptista Correia, e sogro dos srs. Joaquim Carlota Baptista, Leopoldo Martins e D. Maria Alzira do Nascimento Martins.

José do Carmo

No passado dia 18 do corrente faleceu nesta cidade, o sr. José do Carmo, natural de Tavira, antigo comerciante.

O falecido que contava 64 anos de idade, deixa viúva a sr.ª D. Maria Orlinda do Carmo, e era pai do sr. Fausto do Carmo, funcionário da Junta Central das Casas dos Pescadores em Vila Real de Santo António.

A's famílias enlutada endereçamos sentidos pésames.

O «Povo Algarvio», vende-se em Lisboa na Incrementum, Rua Santa Marta, 58-5.

Instituto D. Francisco Gomes

(Casa dos Rapazes)

A Direcção tem o gosto de tornar do conhecimento geral a recepção das seguintes ofertas:

Do sr. Comandante da Polícia de Segurança Pública de Faro, 105 pães de meio quilo cada; do sr. João Pinto Dias Pires, de Faro, um barco de recreio, para ser sorteado; do sr. António Gonzalez, de Faro, uma máquina de escrever; da Salco, Sociedade Algarvia de Carburantes e Óleos, Lda. de Faro, um fogão a gaz; do sr. Leandro Baptista Cabeça, motorista da Rodoviária, peixe no valor de 67\$50.

Aproveita a Direcção o ensejo para registar aqui o seu agradecimento a estes benfeitores e ainda às pessoas, felizmente em número já elevado, que se têm inscrito como subscritoras. Dado o carácter de assistência especial desta instituição, integrando na sociedade os garotos recolhidos da vagabundagem, apela para o bom coração de todos os algarvios, que ainda não sejam subscritores, para que se inscrevam com aquilo que puderem. Bastaria que indiquem, um postal dirigido à Casa dos Rapazes — Faro, quanto pretendem pagar mensal, trimestral, semestral ou anual.

Também apela, a Direcção, para as bondosas mães algarvias, a oferta de roupas novas ou usadas, até aquelas que aos seus filhos deixem de servir. Um simples postal para a Casa dos Rapazes — Faro, e mandaremos recolher os donativos.

A Casa dos Rapazes é uma obra de todos. Se todos os pue podem com ribuirem com um pouco ao seu alcance, os muitos garotos (que precisam poderão ser mais felizes e tornarem-se bons homens a nanhá.

Ganhando o meu pão

Nestas memórias, que continuam a célebre e admirável evocação que é A Minha Infância, encontramos uma prodigiosa variedade de caracteres, um estudo meticoloso do povo russo e da sua existência social na segunda metade do século XIX. E mais intimamente que nas suas outras obras, aqui nos surge o próprio Autor. Ninguém poderá furtar-se a amar este filho do povo, meditativo, presa da melancólica contemplação dos verdadeiros artistas, devorado pelo desejo de saber e de se instruir, que interroga os companheiros e procura penetrar a razão dos seus actos e sentimentos. Nada mais achando na vida que o rodela senão sofrimentos e decepções, refugia-se no mundo dos sonhos, sempre pronto, porém, a deixar esse refúgio místico para cumprir um dever e servir os homens, linha de conduta que será sempre a de Gorki mesmo depois de adulto.

Toda esta angústia que não o poupou e que antes pareceu perseguir-lo sempre com particular persistência, não extinguiu porém em Máximo Gorki o amor dos homens. É esse amor, essa devoção de todos os momentos, a nota dominante de toda a sua extensa obra, e particularmente do admirável livro agora publicado. Mais do que um livro de memórias, «Ganhando o Meu Pão» é um documento humano e psicológico de um valor poucas vezes superado. Por mais paradoxal que esta declaração pareça, pode dizer-se que o sentimento de tristeza que das suas páginas se desprende é muito mais reconfortante que uma atitude de optimismo deliberado que não encontraria confirmação na vida real.

Tradução de Patrícia Joyce. (Editorial Estúdios Cor, 291 páginas, Esc. 35\$00.

Anuncial no «Povo Algarvio»

Tip. «Povo Algarvio»

Rua Dr. Pareira, 9 — TAVIRA

TRABALHOS TIPOGRAFICOS FABRICA DE CARIMBOS
EM TODOS OS GÉNEROS DE BORRACHA

OBRA SIMPLES E DE LUXO
LIVROS — REVISTAS — JORNAIS

Rotary Clube de Faro

Continuação da 1.ª Página

Usou, a seguir da palavra o sr. António Matos Certuxo, que se referiu ao breve repatriamento em Goa, motivo, sem dúvida, de grande regozijo para todos os portugueses, pedindo um momento de recolhimento pelo acontecimento.

Referiu-se, depois, ao magnífico comportamento da equipa de futebol do Sporting Olhanense no passado domingo e pôs em relevo o grande movimento turístico que, pelo facto, se registou em todo o Algarve «bela manifestação fomentada através do futebol, a corrente n.º 1 do turismo nacional». Felicitou o Olhanense pela bela jornada desportiva e pela propaganda que, do facto, adveio para o Algarve.

Falou seguidamente, o sr. Dr. Armando Rocheta Cassiano, que fez um apelo a todos os Companheiros para que estejam presentes à Conferência da Figueira da Foz, dado que, além do mais, o Rotary Club de Faro está em dívida para com o Distrito n.º 176, pelo movimento maciço de rotários que se registou a quando da entrega da carta constitucional ao Club de Faro.

Sociedade Columbófila Tavirense

Viana do Castelo, 520 quilómetros. Média do primeiro pombo, 1.041,22 m/m. Com a realização deste concurso completou-se mais uma etapa das cinco que foram designadas para a disputa da Taça Companhia Portuguesa de Seguros Comércio e Indústria. Saiu vencedor o pombo portador da anilha oficial n.º 827.330, do sr. Rolando Matos, o qual gastou no percurso 8.19.24

Classificação: 1.º Rolando Matos; 2.º Eduardo Silva; 3.º Eduardo Neto; 4.º e 11.º José António; 5.º Jorge Viegas; 6.º, 7.º e 14.º José Fernando Cansado; 8.º Amândio Afonso; 10.º e 13.º Manuel Machado; 12.º António Barros.

Campeonato absoluto — 1.º José F. Cansado, 639 pontos; 2.º António Barros, 532; 3.º Rolando Matos, 461; 4.º Eduardo Neto, 411; 5.º José António, 277; 6.º Amândio Afonso, 140; 7.º José das Neves, 138; 8.º Eduardo Silva, 118; 9.º Manuel Machado, 100.

Taça Companhia Portuguesa de Seguros Comércio e Indústria — 1.º José Fernando Cansado, 192 pontos. Este concorrente é o único que se encontra na disputa deste prémio.

R. M.

Misericórdia de Tavira

Doentes operados em 1 de Abril:

Jesuino Rafael Martins, Livramento; João Gonçalves, Luz de Tavira; Luís André Pereira Lita, Maria José Domingos, Irene Teresa Raimundo Morais e Olga José Dias da Cruz, todos de Tavira.

rega por aspersão
SISTEMA BAUER

colha mais gastando menos

ouça a nossa Secção Técnica

REPRESENTANTE
ENG.º GUSTAVO CUDELL
PORTO - Rua do Bolhão, 157-161
LISBOA - R. Passos Manuel, 69-A

J. A. PACHECO

TAVIRA

Fábricas de moagem de farinha espoada e ramas

Uma maquinaria completa aliada a um escrupuloso fabrico fazem com que os produtos das fábricas

J. A. PACHECO

tenham a consagração do público que os consome.

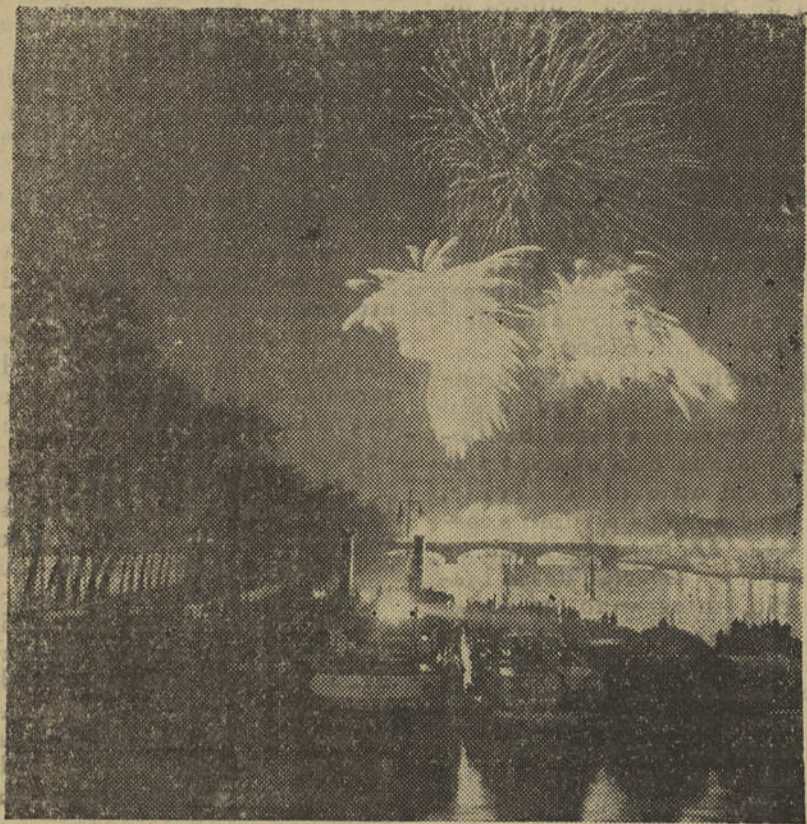
TELEFONE 13

APARTADO 13

As grandes noites de Paris e a pirotécnica

EM 1739 chegam a Paris cinco irmãos italianos de apelido Ruggieri que logo se instalaram com loja de artificios conquistando, de um momento para o outro a simpatia dos franceses. Assim nas-

por Luís Bonifácio



O rio e a noite completaram o maravilhoso mundo de Paris, durante a visita de Isabel II de Inglaterra. Foram cenários de uma «fêria» luminosa da capital que tem por qualificativo a palavra «LUZ»

ceu a então célebre casa Ruggieri que tinha as boas simpatias da Casa Real e da aristocracia de então. O fogo de vista tinha pegado em cheio. No século seguinte um descendente directo de nome Désiré, seguindo pegadas dos seus antecessores, distinguiu-se com um novo método aplicado ao lançamento de fogo de vista e fogo preso. Paris deliberou, a própria França só queria Désiré para as grandes galas e recepções.

Assim Paris viveu dias fantásticos de luz e cor, sobretudo a 29 de Agosto de 1739, por ocasião do casamento de Mme. Luise-Elisabeth de France e Philippe, infante de Espanha. Foi, precisamente nesta ocasião que os irmãos Ruggieri conseguiram a celebridade.

Em 1770, para solenizar o casamento do futuro Luis XVI de França com Maria Antonieta foram lançados em Paris, no lugar da actual Praça da Concórdia, grandes fogos de vista cujas gravuras ficaram imortalizadas através de litografias dos maiores artistas da época.

A 21 de Janeiro de 1782, por ocasião do nascimento de «Monseigneur» Dauphin, também Paris esteve em festa de gala e onde não faltaram os fogos de artifício que marcaram uma época na pirotécnica. Desse acontecimento mundano há uma célebre gravura de Moreau le Jeune.

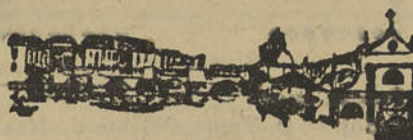
Depois realizaram-se outras grandes festas mas, as mais importantes, sem dúvida, foram as seguintes: o Baptismo do Príncipe Imperial em 15 de Junho de 1856; a Exposição Universal de 1867 e em 1900 por ocasião de uma outra exposição. Em 1925 e 1927 Paris viveu horas de sonho com o lançamento de fogos especiais sobre a Capital.

Os anos foram passando até que em Abril de 1957 por ocasião da visita de Isabel II se realizou ali o faustosíssimo serão de luz, ouro e púrpura, em que compareceu toda a elegância da «Cidade Luz», todo o requinte-imagem viva e cintilante da Eterna França.

Mas Paris continua a utilizar o fogo de artifício, sobre-

POVO ALGARVIO

SEMANÁRIO REGIONALISTA



Pela Cidade

Teatro António Pinheiro — Espectáculos da semana — Hoje apresenta, para maiores de 6 anos *Um Raio de Luz* com Marisol e Anselmo Duarte em Eastmancolor.

Quinta-feira, para maiores de 17 anos *O Herói do Regimento* com Jerry Lewis e David Wayne. Em complemento *Renúncia* com Joan Fontaine e Rai Milland.

Farmácia de serviço — Está de serviço urgente, durante a presente semana, a Farmácia Franco.

Imitação de Cristo

Continua a publicar-se em fascículos esta magnífica obra realizada pela Editorial Verbo sob direcção literária e prefácio do grande pensador brasileiro e bom amigo de Portugal Plínio Salgado e orientação artística e ilustração do pintor António Lino.

Como dissemos há tempo, quando nos referimos à dita obra, a mesma que foi feita de harmonia com o texto da tradução de Frei António de Pádua e Bellas, religioso da Arrábida, edição de 1791, da Tipografia Rolandiana de Lisboa é apresentada para uso e meditação da comunidade ensaiada de todos mares e continentes aonde os barcos assinalados levaram a Cruz de Cristo.

A obra abre com o prefácio de Plínio Salgado que logo no início afirmando que tendo ela sido escrita para o Homem, a sua importância permanece, por conseguinte, enquanto existirem homens sobre a Terra. E depois de vincar que o número de traduções em todas as línguas comprova a universalidade e a profundidade do livro, conclui que ele não se dirige apenas ao mundo chamado cristão, mas a todos os homens, de todas as raças e de todas as parichidades que se entebatem, após uma catástrofe que já prenuncia outra.

Segue-se o prefácio de Frei António, datado de 1791, em plena Revolução Francesa, no auge do anticristianismo, portanto numa época muito parecida à nossa, no qual se dá uma ídela da obra, descrevendo que no primeiro e segundo livro da obra são como uma preparação do nosso espírito para imitar a Cristo, enquanto que o terceiro é um admirável quadro do que se passa no nosso coração para, finalmente, no quarto, se ensinar o modo de receber dignamente o maior dos nossos mistérios: a participação das almas justas enchendo-as sempre de graças novas.

Temos presentes os fascículos n.ºs 5 a 8 a que não fizemos a devida referência em separado, como era jus, por razões absolutamente alheias à nossa vontade o que, esperamos firmemente, não se repetirá. E agora a indicação de alguns dos assuntos ou melhor, meditações, insertas nos referidos fascículos.

A verdade fala à alma sem rumor; Ocultar a graça debaixo da humildade; Suave é servir a Deus desprezando o Mundo; Cumpre considerar os ocultos juízos de Deus para não nos desvaneceremos com os nossos bens; Como evitar a curiosidade em saber das vidas alheias; Nesta vida ninguém está livre de tentações; Da confiança que devemos ter em Deus quando nos disserem palavras afrontosas; A paz do Céu e as misérias desta vida.

Este número foi visado pela Delegação de Censura

Agradecimento

Maria Castro Centeno, não tendo conseguido ainda, por falta de saúde, agradecer a todas as pessoas que lhe manifestaram o seu pesar e tão carinhosamente a acompanharam, vem fazê-lo por este meio, até ao seu regresso a Tavira, em que o fará pessoalmente.

Lembrança de Belo Redondo

Continuação da 1.ª Página

Escotista e o Movimento Desportivo. Esta foi lida na sessão que se efectuou nas salas do Sporting Clube de Portugal, ao tempo instalado no magnífico Palácio Foz, onde presentemente se encontra o Secretariado Nacional de Informação; e foi lida e duramente combatida por vários congressistas comandados precisamente pelo antigo escoteiro Belo Redondo que até essa altura apenas conhecíamos de nome e pela leitura das suas reportagens e de um dos seus livros.

A discordância dos nossos contraditores incidia apenas — e era o principal!... — na parte ideológica, digamos assim da tese apresentada. Era a primeira vez que um dirigente da própria Associação dos Escoteiros de Portugal — neutra em matéria política e religiosa segundo os respectivos Estatutos... — se atrevia a dizer em público que a ridentação daquela estava errada desde a origem e atreçoava o próprio espírito do Escotismo e as intenções educativas do seu Fundador; e a afirmar que o Movimento Escotista Português que assentaria, de futuro, na prática de uma religião e no culto da nacionalidade, ou não seria Escotismo. Precisamente pela sua moral de fundo religioso e pelo seu sentido patriótico é que nós entendíamos ser o Movimento Escotista um óptimo cooperador do Movimento Desportivo. Belo Redondo, que pertencera à primeira geração de escoteiros portugueses, os daquele tempo em que se fizera do Escotismo exactamente uma arma anti-religiosa, e politicamente a puxar para a esquerda, sob capa da neutralidade, e que, além disso, não eram poucos!... — entendiam que também o Desporto estava no polo oposto à Religião e nada tinha de ver com política, que como tal entendiam eles a nossa referência ao patriotismo, que todas as actividades conscientes dos portugueses deve servir. A luta durou horas, assumiu vivacidade fora do vulgar e, embora mantendo-se sempre com certa elevação, chegou a ser um tanto ou quanto violenta; só lhe pôs termo a intervenção do Dr. Salazar Carreira propondo: que retirássemos nós a palavra *Cristianismo* das conclusões: que aprovassem os nossos contraditores a tese depois disso. Acedemos, porque com tal palavra ou sem ela, a nossa tese ficava de pé; acederiam os outros, porque parece que a palavra *Cristianismo*... é que lhes metia medo; e a tese acabou por ser aprovada por... aclamação! Belo Redondo veio então ao estrado abraçar-nos; o nosso abraço começou uma amizade que nunca enfraqueceria, até ao instante em que a doença cruel lhe cerrou os olhos para sempre, num leito do Hospital do Cancro.

Uns dois anos depois, o facto de trabalharmos então ambos para a mesma empresa jornalística e a convivência diária na mesma casa e no mesmo, ainda mais estreitaram as nossas relações e a nossa amizade. As qualidades profissionais e os predicados pessoais de Belo Redondo e a nossa sincera e justa admiração pelo seu incontestável valor como jornalista, conseguiram facilmente que uma amizade muito grande vicejasse entre nós, a despeito e acima dos antagonismos que nos faziam adversários em política e em religião; mas, amigos sinceros e ligados, de mais a mais, pela qualidade de antigos escoteiros, exactamente por causa do Escotismo havíamos de nos pegar ainda outra vez. Foi quando Belo

Redondo se insurgiu, nas colunas de «Os Sports», contra a grafia da palavra *escuteiro*; escrita com *u*, dizia ele, a palavra derivaria de *escutar*, e *escutar* às portas é coisa muito feia e que os escoteiros não fazem», ao passo que *escoteiro* é o, é a palavra portuguesa antiga, que vem nos dicionários e se esmolde melhor aos cultores do Escotismo. Percebendo o que ele pretendia era atingir os escoteiros católicos portugueses, que havia pouco tinham aportuguesado a sua designação, passando-a de *Corpo Nacional de Scouts* para *Corpo Nacional de Escutas*, saímos à estacada no mesmo jornal. E uma *Nova Guerra do Alecrim e da Menjerona* — assim intitulámos nós as nossas respostas aos seus argumentos — se estendeu por largas semanas em que ele esgrimia com a Filologia e nós apenas com isto dito em vários tons e de várias formas: o que interessa não é o nome; o que interessa é que os escoteiros o sejam de verdade, sintam e pratiquem, na sua vida de todos os dias a *Lei do Escoteiro*, que sintetisa os seus deveres para com Deus, para com a Pátria, para com os seus semelhantes e para consigo próprios. E todas as semanas antes de a levar para a tipografia, Belo Redondo mostrava-nos a sua prosa; e as nossas respostas, era ele que as levava também para a tipografia...

Naquela vida de Jornalista em que um dia pretendemos ser profissional, mas onde, embora nela e dela exclusivamente tenhamos chegado a viver alguns anos, nunca passamos de mau aprendiz de reporter, muito aprendemos com Belo Redondo, que na sua modestia e no seu apagamento voluntário entre os grandes jornalistas portugueses, era um deles e como tal por todos os seus pares considerado, admirado e respeitado. Dessa aprendizagem com o considerado Sub-chefe da Redacção do «Diário de Notícias», guardamos recordações magníficas do seu carácter, da sua paciência, da sua proficiência profissional e da sua veia anedótica; só as anedotas de Belo Redondo chegariam para encher um livro, e talvez um dia a elas nos voltemos a referir aqui... O seu bom humor era extraordinário e perene; já muito doente, minado pela doença fatal e praticamente desenganado pelos médicos, encontrámo-lo um dia no Rossio *trancado* no seu inseparável charuto, contando despreocupada e alegremente as últimas numa roda de amigos. Estes estavam verdadeiramente compungidos com os visíveis estragos que a doença nele fizera, nós deixámo-lo com o coração em luto; mas ele continuava a sorrir e a contar anedotas... Como gostaríamos de ter recordado tudo isto, e muito mais, na festa que o primeiro Grupo de escoteiros dedicou à sua memória! A vida para nós, começa a ser uma permanente saudade, e Belo Redondo anda ligado às nossas mais vivas saudades dos tempos em que vivemos entre os jornalistas profissionais da nossa terra!...

Emílio Campos Coroa

Médico especialista

Doenças dos Olhos

Consultas em Tavira, no Montepio dos Artistas, todas as sextas-feiras pelas 11 horas

Comparações

Quando os gatos, em Janeiro, Namoram pelos telhados São tal qual certos parsinhos Pelas raas abraçados.

Se um burro ao ver uma burra Lhe zarra em tom marcial Quere dizer como os bau-baus — «Tu hoje tás bestial» —

Se um cãozinho ao passar, Alça a perna no passeio Logo diz outro ao passar: — O pá olha que isso é feio —

O bode, reparem bem, Com aquele ar de desleixo Faz lembrar as «flausinas» De lenço amarrado ao queixo.

Papagaio falas sem nexo Por que tanto falas tu? Se não te calas vais falar P'rá gaiola da O. N. U. ...

A raposa que é matreira, Quando pode ferra o dente Lembra um certo senhor Que vive lá... no Oriente.

O caruncho é um pirata Entre os bichos miudinhos Manda os moveis p'ra sucata E a nós todos p'ros anjinhos.

Laura de Aviz

João Manuel Viegas

MÉDICO

CLÍNICA GERAL

Dá consultas todos os dias, das 14 às 17 horas,

Rua Tenente Couto, 6

TAVIRA

tudo por ocasião das comemorações da Tomada de Bastilha. São estas as grandes noites de França.

José Eusébio do Carmo

Comerciante e Industrial de Alfaiataria em LUZ DE TAVIRA

Deseja a todos os seus prezados clientes e amigos uma Páscoa Feliz e participa que após o interregno, por motivo de obras, reabre amanhã as suas novas instalações em edifício modelar, onde espera merecer as habituais atenções de V. Ex.ªs.